

É necessário fazer a Revolução

A revolução não pode esperar da reacção nacional e internacional um pacto de tréguas para avançar.

A revolução socialista em Portugal terá de ser construída por aqueles que a desejam, contra aqueles que a pretendem impedir.

A FRENTE SOCIALISTA POPULAR afirma ser urgente a tomada de consciência (e a acção consequente) de que a revolução terá de fazer-se contra os interesses internos e externos da social-democracia e nunca através de uma hipotética aliança e colaboração com aquela.

Sendo assim, torna-se evidente a contradição de um processo revolucionário que permite a existência de um Governo de coligação onde estão representados interesses que se colocam em oposição declarada aos fins programados pelo MFA e aos interesses da classe trabalhadora.

Essas forças que representam a social-burguesia, já não hesitam, nem sequer cuidam em o esconder, em se aliar com os sectores mais reaccionários onde se acoitam os fascistas desejosos do regresso à situação anterior.

As palavras de ordem e as motivações utilizadas pelos partidos contra-revolucionários surgem à luz do dia com o mesmo despudor de linguagem de antigamente, reactivando os velhos preconceitos e terrores anti-comunistas dentro da melhor tradição do antigo regime de Salazar e Caetano.

Tais factos têm constituído o denominador comum da actuação dessas forças durante as últimas semanas, nomeadamente desde o 1º de Maio, sucedendo-se episódios indicadores dessa escalada, tais como os conflitos de trabalho do Jornal "República" e da Rádio Renascença (largamente explorados pela imprensa internacional), os acontecimentos de Bragança, de Régua, do caminho de ferro do Vouga, de Viseu, de Évora, dos Açores, os assaltos a sedes de Partidos progressistas, os rebentamentos de bombas, as convocatórias anónimas para manifestações reaccionárias de tipo chileno (caso da convocação dos veículos a gásóleo marcada para o dia 15 de Junho), enfim, as constantes e inúmeras tentativas de sabotagem do processo por parte da santa aliança das direitas (que abrange do PS ao MRPP, passando pelo PPD, CDS, e PDC) a qual, servindo-se das liberdades burguesas existentes, se empenha em destruir a verdadeira liberdade.

Com a aparente indiferença do poder constituído essas forças redobram as provocações e os ataques ao MFA, à classe trabalhadora e suas organizações, na mais completa impunidade.

A agitação política criada tem como objectivo evidente a degradação da atmosfera de confiança no processo revolucionário, confundindo e intranquilizando amplos sectores das massas populares, procurando dividir o MFA e a classe trabalhadora.

Tal projecto assenta as suas raízes na sabotagem económica consentida ao longo de todo o processo desde o 25 de Abril.

A falta de saneamento numa perspectiva correctamente revolucionária explica a permanência no poder (ao nível de vários extractos do aparelho de Estado) de elementos de linha marcadamente conservadora ou tecnocrata (escala da SEDES - "catedráticos" liberais do capitalismo), que sempre estiveram ligados e foram atentos servidores dos grandes interesses da burguesia capitalista.

Só esse controle da burguesia possibilitou o impasse económico, durante quase um ano de indecisões comprometedoras e quase permitia a aceitação da proposta reformista contida no Projecto Económico dito de Emergência, do ex-ministro Rui Vilar.

A ideia de que uma economia socialista necessita, para sobreviver, da contribuição financeira, técnica ou outra, dos países "amigos" do Mercado Comum, EFTA, etc. (caso do desejado Plano Marshall do Sr. Soares) é um exemplo flagrante da análise alarmista dos tecnocratas ainda instalados em sectores importantes do aparelho de Estado, que pretendem manter a dependência económica e a opressão do nosso povo.

Daí que, aproveitando a ausência de decisões firmes, dirigidas à solução dos problemas que directamente interessam ao povo trabalhador, a reacção e a contra-revolução tentam fabricar um clima de insegurança, agitando o espectro do caos social, da ruína económica, da tragédia nacional, etc., etc.

Com ele, pretendem abrir caminho ao reaparecimento de qualquer "messias", de estilo mais ou menos spinoliano.

É NECESSÁRIO FAZER A REVOLUÇÃO !

Mas, para tanto, urge desmascarar os contra-revolucionários e tratá-los de acordo com essa característica, de inimigos da classe trabalhadora, através de uma verdadeira disciplina e firmeza revolucionárias que substituam a contemporização permanente e o falso jogo das liberdades burguesas.

A Revolução Portuguesa não pode continuar a permitir a chantagem reaccionária da burguesia.

Há que pôr fim à ambiguidade e à conciliação de classes das soluções reformistas.

Os actos que interna ou externamente apontem para novos pactos de dependência e de exploração para a classe trabalhadora, são actos contra-revolucionários que contrariam o projecto socialista exigido pelo povo português e proclamado pelo MFA:

As forças políticas internas que se aliam aos inimigos externos para contestar, para bloquear e, se possível, destruir o processo revolucionário, não podem continuar a usar da protecção das liberdades, conquistadas pelo povo português.

Face à actual situação, a FRENTE SOCIALISTA POPULAR propõe como medidas prioritárias e inadiáveis, as seguintes:

1. Constituição imediata de um Governo Revolucionário, sem a forma de coligação partidária, integrado por elementos capazes de levar por diante a construção de uma autêntica sociedade socialista, em que os trabalhadores sejam na verdade senhores do seu destino.

2. Saneamento nas estruturas do poder, a todos os níveis. Fim às interpretações tecnocráticas dos quadros comprometidos como capitalismo nacional e internacional.

3. Desburocratização da função pública e das empresas nacionalizadas, no sentido de uma real eficácia. Maior cuidado na nomeação das Comissões Administrativas dos sectores controlados pelo Estado.

0 oportunismo e a incompetência, acobertados pelo aval da idoneidade política, dão-se por vezes as mãos.

4. Mobilização para a Batalha da Produção, a qual constitui um factor decisivo e fundamental para a edificação da sociedade socialista. Toda a burguesia o sabe e por isso a contraria declaradamente, acusando-a de conduzir a um simples capitalismo de Estado de fachada socialista.

Daí a sua campanha para tentar desprestigiar, junto dos trabalhadores menos conscientes, essa palavra de ordem.

5. Neutralização rápida de todos aqueles que sabotam, política e economicamente, o processo revolucionário; designadamente, no que se refere à obstrução sistemática feita por caciques locais que mantêm, como antes do 25 de Abril, uma tutela feudal sobre largos sectores de população.

6. Promoção urgente de projectos de actuação concreta, para apoio técnico, cultural, sanitário e outros às zonas rurais, concebidos e dinamizados por equipas mistas de civis, militares, estudantes, etc.

7. Realização, na prática e de forma acelerada, dos projectos anunciados de Reforma Agrária.

8. Rápido aumento dos postos de trabalho e de medidas radicais que impeçam a alta do custo de vida.

9. Incentivar todas as iniciativas de organização de poder dos trabalhadores, (Comissões de Moradores, Comissões de Trabalhadores, Conselhos de Aldeia, etc.).

10. Criar, em articulação com as organizações anteriores, Comitês de Vigilância e Auto-defesa Armada das Populações.

11. Adopção de uma política externa revolucionária e agressiva que, obviamente, não pode ser levada a cabo por um corpo diplomático e consular completamente dissociado do projecto político português. A FSP interroga-se acerca das razões que têm impedido, desde o 25 de Abril, um saneamento capaz e de acordo com a realidade nacional.

12. Ilegalização da imprensa contra-revolucionária que se utiliza da ambiguidade do conceito burguês de "imprensa livre" (de que são exemplos, entre outros, o Jornal Novo e o Expresso).

13. Clarificação, na prática, do significado real do conceito de pluralismo consignado no Pacto do MFA. Torna-se necessário esclarecer por uma vez que, num projecto político como o nosso, de mutação estrutural da sociedade capitalista para a sociedade socialista, no que implica de luta de classes, o pluralismo não consente partidos que se colocam ideológica e operacionalmente contra a Revolução.

Esses partidos devem ser simplesmente afastados do caminho.

A FRENTE SOCIALISTA POPULAR alerta a classe trabalhadora, os militantes revolucionários consequentes, as organizações progressistas e revolucionárias e o MFA. para a campanha criminosa e reaccionária desencadeada neste momento, com o intuito de fazer acreditar ao povo que a Revolução é impossível.

O povo e as organizações que dele se reclamam, terão de saber responder, no campo da luta, aos golpes da burguesia para construir, sem hesitações, a sociedade socialista em Portugal.

A COMISSÃO POLÍTICA DA

FRENTE SOCIALISTA POPULAR

